

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ALBUQUERQUE, Paulo Henrique Novaes Martins de. Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 56min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque  
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Celso Castro; Dirceu Salviano Marques Marroquim ;

**Técnico de gravação:** Luisa Maria Silva de Santana ;

**Local:** Recife - PE - Brasil;

**Data:** 05/07/2018 a 05/07/2018

**Duração:** 0h 56min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

**Temas:** América Latina; Família; Formação acadêmica; França; Magistério; Obras de referência; Obras literárias; Pensamento político; Pernambuco; Pesquisa científica e tecnológica; Pós - graduação; Produção intelectual; Sociologia; Universidade Federal de Pernambuco;

### *Sumário*

Sumário: Lucas Pípolos Entrevista 05/07/2018 Origens familiares nas canavieiras. Breve resumo sobre sua trajetória acadêmica. Primeira estada na França e engajamentos políticos. Professor visitante na UFPE. Doutorado na França e bases teóricas. Mudança no tema de pesquisa para nacional desenvolvimentismo. Professor Adjunto da UFPE na Sociologia e criação do Projeto Redes Sociais e Saúde. Envolvimento com o tema América Latina e os estudos pós-coloniais. Instituto da América Latina e problemas estruturais das Ciências Humanas. Relação entre os estudos pós-coloniais e os subalternos. Leitura marcante.

*Entrevista: 05.07.2018*

C.C. - Paulo, em primeiro lugar muito obrigado por ter aceito o convite para participar desse projeto, que monta esse acervo público sobre Ciências Sociais no Brasil. E eu gostaria de começar perguntando sobre tua origem familiar, educação, antes, ainda, da universidade, onde é que você nasceu...

P.A. - Bem, meu nome completo é Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque mas meu nome profissional é Paulo Henrique Martins. Na verdade foi uma tia minha, poetisa, fazia numerologia – coisa de adolescente – que disse: “Olha, você tem que assinar Paulo Henrique N. Martins. E no banco eu ainda assino Paulo Henrique N. Martins. Mas, na verdade, no profissional virou Paulo Henrique Martins. E aí tem vários Martins: Luciano Martins, o... Tem vários Martins aí. Carlos Benedito Martins...–

Bem, eu venho, como muitos pernambucanos, nós viemos da área açucareira, da área canavieira, não é. Eu sou de família de usina de açúcar, meu avô foi senador da República, ministro da agricultura, representante dos canavieiros. Então, [inaudível] família e comecei a trabalhar, nos anos 70 ainda, como pesquisador, na área do açúcar. E daí que minha primeira tese de doutorado, minha primeira [inaudível] já foi sobre o açúcar. Eu comecei a trabalhar no sindicato do açúcar e na cooperativa açucareira... Isso nos anos 70, eu estava estudando na faculdade de Direito, eu fiz o curso de Direito. Depois é que eu saí para fazer Sociologia. E fiquei, então... Essa é uma primeira trajetória, assim, antes de ir para Paris.

C.C. - Mas antes da universidade, você estudou em que colégio?

P.A. - Aqui, eu estudei no colégio Torres, no colégio Nóbrega, que é um colégio católico, não é. Nós temos a influência, aqui, dos colégios católicos. Você sabe que os colégios, sobretudo jesuítas, tinham influência muito grande na formação das classes médias, não é. Então, eu estudei no Nóbrega, e depois fui para o curso Torres, que era muito conhecido aqui, para entrar na faculdade de Direito.

C.C. - Mas o Direito, por que é que você se interessou em fazer?

P.A. - Rapaz, lembra, eu sou de uma família que não tem sociólogo, não é. Nem cientista social. Minha família é de agrônomos, engenheiros químicos e bacharéis em Direito. Então não tinha muito...

C.C.- Mais profissões...

P.A. - No meu horizonte, no meu imaginário não existia sociologia. Então eu fiz Direito. Agora, ao fazer Direito, as disciplinas que mais me interessavam eram a questão de sociologia, questão agrária. Então eu comecei a me simpatizar e pensar em fazer uma pós-graduação nessa área de Humanas.

C.C.- Sociologia.

P.A. - Aí eu fui fazer... E primeiramente eu fiz um curso da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, um curso de especialização na área de Economia, que eu achei muita econometria, na verdade. Simonsen Todas...[risos], que o pessoal da ...

C.C.- [inaudível]

P.A. - ...Economia, da Macroeconomia brasileira, não é, que eram professores de lá da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Aí de lá, eu fiz contato já com os franceses, com... Eu fui pra França fazer um estudo sobre cooperativismo, para pensar a questão do açúcar, da produção açucareira. E ao chegar da França, é que eu tenho a trajetória... Cheguei em 77 da França. Na primeira vez. Foi em 77. E aí que eu fui para... Eu fui, me apresentei... Fui para o colégio cooperativo da França, Collège Coopératif, que era [inaudível] que estava, mas era alguém ligado aos estudos cooperativos. E de lá eu fui para o Iedes, o Instituto de Estudos Econômicos e Sociais, do Desenvolvimento Econômico e Social, *Institut d'étude du développement économique et social*. Então eu fiz lá o DUA, que equivaleria... Havia uma confusão sobre o equivalente, não é.

C.C.- É.

P.A. - D.U.A. e *Troisième cycle*.

C.C.- *Troisième cycle*, no início, consideravam o doutorado aqui. Depois...

P.A. - E depois não consideravam. Eu mesmo tive este problema quando eu voltei para cá, que entrei aqui nessa universidade, entrei em 81, quando voltei. Na verdade, eu fui para a França com duas cartas, dois ases. Um foi o Manoel Correia de Andrade, [inaudível] do Nordeste, que me deu a carta para o colégio cooperativo, e o outro, que me recebeu lá, que foi o meu grande anfitrião, foi Cícero Dias, que fez todas as imagens do *Casa-Grande e Senzala*, do Gilberto Freyre, não é. Cícero era uma figura fantástica. E foi uma pessoa que me recebeu lá e me apresentou dentro do colégio cooperativo e, depois, na Universidade de Paris I.

C.C. - Mas, Paulo, por que ir para a França? Já havia programas de Sociologia aqui no Brasil...

P.A. - Havia aqui o... Havia poucos programas aqui, da pós-graduação, não é. Você tinha o Iuperj, que era do Rio de Janeiro, você tinha a USP... Eu acho que tinha Brasília... Mas assim, eram programas muito restritos, assim... Na pós-graduação, não tinha praticamente implantado no Brasil. Você imaginar que naquela época existiam mais ou menos três programas de pós-graduação em Sociologia com mestrado e doutorado, hoje são mais ou menos 54, mais de 50. Então foi um desenvolvimento fantástico. Eu faço parte dessa geração, então, que saiu estimulada para fazer uma formação fora, que achava que aqui, o campo, na minha área, nos estudos sobre desenvolvimento, modernização, não tinha ainda muita gente trabalhando. Tinham algumas pessoas no Museu Nacional, mas na linha da Antropologia, não é.

C.C.- Sim.

A.P. - Já o Sérgio Leite Lopes, o Afrânio Garcia, Palmeira, Moacir Palmeira... Mas eu queria entrar mais na discussão da Sociologia e do desenvolvimento. E eu não via muito, aqui, essa possibilidade. Então eu fui para a França com o objetivo de avançar nessa área e fazer um pouco o balanço da modernização açucareira no Nordeste do Brasil, pude ter trabalhado de técnico nessa área, dos anos 70.

C.C. - Quer dizer, o tema você já tinha.

A.P. - É.

C.C.- O que você queria pesquisar.

A.P. – É, um tema que tinha a ver tanto do ponto de vista antropológico, de história de vida, como da minha experiência como pesquisador, nos anos 70.

D.M. - O seu pai, que você falou, é o Antônio Novaes Filho?

A.P. - Meu avô.

D.M. - Certo.

A.P. - Antônio Novaes Filho. Foi ministro da agricultura, foi prefeito do Recife.

D.M. - Prefeito do Recife.

A.P. - É.

C.C. - Você fica na França quatro anos direto?

A.P. - Aí eu fiquei duas vezes na França, não é. Porque aí eu fiz o doutorado, terceiro ciclo, sobre as oligarquias e a modernização açucareira no Nordeste do Brasil. Fiz de 77 a 81. Período muito rico, não é. Muitos exilados, muito comitê de mobilização, de retorno. Eu mesmo trabalhei carregando pedra e tijolo com a galera. Nós íamos para levantar fundos, então a gente trabalhava carregando [inaudível] ali na França para levantar dinheiro para ajudar a volta dos exilados. Eu participei muito de vários comitês de organização. A primeira reunião da voz operária do PT - foi o Mantega que foi lá - foi na minha casa. A primeira reunião, foi em Paris, foi na minha casa. [risos] Casa não, uma quitinete. [risos]

C.C. - Pois é, porque em Paris, casa...[riso]

A.P. - Uma quitinete, não é. [risos] Um quitinete pequenininho. Foi lá em casa que a gente organizou, com o pessoal que trabalhava na Campanha, na revista Campanha. Então era uma grande mobilização, essa época.

C.C. - Você tinha mais alguma participação mais orgânica de movimento político lá?

A.P. - Bom, eu participava mais dos movimentos dos brasileiros, não é, do pessoal mais que estava tentando organizar. Por exemplo, tinham vários grupos políticos...

C.C.- Sim.

A.P. - As nossas reuniões reuniam umas dez tendências [risos]. Umas dez tendências. Eu não era ligado a nenhuma tendência particular, mas eu, sim, estava sempre presente nos comitês. Eu era muito amigo... Quem era grande amigo meu, na época, não sei se você conhece, era Armando Boito Junior. E Lucio Flávio Almeida. Grandes companheiros de jornadas nas contestações, nas mobilizações intelectuais. Paris era uma festa, não é.

C.C.- Mas a tua experiência, essa primeira estada na França, de 77 a 80, não é?

A.P. - E um.

C.C.- 81.

A.P. - É. Aí, eu fiz ...

C.C.- Você encontrou o que queria ou se decepcionou?

A.P. - Não!

C.C. - Ficou mais...



A.P. - Eu achei que foi uma mudança fantástica na minha vida. Porque, sobretudo assim, veja bem, eu vinha da elite açucareira nordestina, não é. E aí você tinha o pessoal que vinha de Osasco, que tinha sido exilado. E como muitos companheiros que moravam na Suécia ou na França, que eram vindos da classe operária, digamos assim, do sindicalismo operário, estávamos todos juntos em um mesmo ambiente acadêmico. Então, para mim pessoalmente...

C.C. - Paris era o grande centro, não é, dos...

A.P. - Hein?

C.C. - ...exilados.

A.P. - Era o grande centro.

C.C. - Paris era um grande centro.

A.P. - Não, de todos os exilados do mundo, não é. A *cit  universitaire* era uma panfletagem geral. [riso] A preparação das revoluções no *Khmer*, dos *Khmer Rouge*, do pessoal do Camboja, Laos. Estava todo mundo lá. Do Irã. O Khomeini morava lá na época também. Era uma grande assembleia mundial era a cidade de Paris, essa época. Foi marcante para eu reciclar um pouco, digamos assim, minha mentalidade provinciana. [riso]

D.M. - Paulo, nesse mesmo período, já um período final, assim, que você tinha um grande centro de aglutinação pernambucana. Então você tinha Violeta Gervaseau, que era irmã de Arraes...

A.P. - E Violeta. Exatamente. Ia morar lá.

D.M. - ...que ia muita gente para lá também...

A.P. - Guel Arraes, Miguel Arraes, que [inaudível]... Porque Arraes também morava lá, ela foi inclusive para a Argélia, voltou para lá. E Guel também estava morando lá. Tinham vários pernambucanos. Carlos Henrique Maranhão, grande cineasta. Tinham vários.

D.M. - Você chegou a acompanhar um pouco daquela Frente Brasileira de Informação, que Arraes chegou a publicar... Não?

A.P. - Acompanhei, assim, em uma reunião... Uma vez na casa dele, ouvi falar. Mas não me engajei. Eu estava mais... Eu fui aluno de Nicos Poulantzas, que se suicidou. Eu fui aluno, e foi uma coisa fantástica porque ele era muito simpático, não é. E ele teve dois surtos. E no terceiro, ele foi para a Rue Tolbiac [inaudível] com os livros dele. Quando pediu a um amigo um copo d'água, ele pulou. Com os livros. [riso] Poulantzas era um jovem, tinha uns 45 anos de idade, 46. E o enterro foi com Décio Saes, da Unicamp também. Décio também era muito meu amigo nessa época. Décio, Armando... Era o nosso grupo. E foi fantástico. Porque tinha Maria Antonietta Marchiori, que era do partido comunista italiano, em um lado, e todos os comunistas fazendo a quermesse, e aqui tinha um bispo ortodoxo, da Igreja Ortodoxa grega [risos] com a família dele, grega. Então um fazia um sermão, o outro fazia outro sermão. Os comunistas e os ortodoxos. Foi... Décio sabe essa história direitinho. [risos] Foi fantástico.

C.C.- Mas você chegou a ter aula com o Poulantzas?

A.P. - Tive aula com o Poulantzas, claro.

C.C.- Como é que ele era como professor?

A.P. - Bom professor! Muito bom professor, muito bem articulado. Estava tentando repensar a questão do marxismo e da política, da teoria do Estado, para repensar política. Mas nessa época, já estava no declínio do partido comunista grego, já estava sofrendo um certo declínio. Na França também, não é, o partido comunista teve o auge, ali, com os socialistas, mas já vinha com uma certa dissidência. Muitos intelectuais franceses entraram na dissidência com relação ao partido comunista. Então, o Poulantzas, ele viveu umas crises de depressões, não é. Duas ou

três vezes desmaiou, assim, até que ele entrou nesse processo um pouco psicótico e resolveu encerrar sua carreira.

C.C. - [inaudível] suicídio e se jogar da...

A.P. - É. O Althusser também, você sabe que...

C.C. - Althusser matou a mulher, não é?

A.P. - Ele teve um caso clássico com sua esposa também, com a mulher, não é. É impressionante, não é. Excesso de... A pressão da militância política partidária com a produção intelectual, não é?

C.C.- É.

A.P. - Termina gerando...

C.C.- Bom, aí você volta, vem ser professor do Departamento de História?

A.P. - Aí eu vim trabalhar aqui na Geografia– e na História. Cheguei a ser coordenador, aqui, do mestrado de História. Fiquei aqui entre...

C.C.- Mas era celetista ou era concurso?

A.P. - Eu era professor visitante. Porque fiquei no Departamento de Geografia, Ciências Geográficas, com o Manoel Correia de Andrade, que tinha me inspirado para ir para lá – então voltei a trabalhar com o Manoel Correia de Andrade – e depois, em 85, eu fui para a faculdade... A Universidade Estadual estava criando um grande centro de pesquisa, aqui, com o Sérgio Buarque, que é irmão do Cristovam Buarque. Sérgio Buarque... E me convidaram para ir para lá.

C.C. - Estadual de Pernambuco?

A.P. - A que é UPE. Universidade de Pernambuco.

C.C. - UPE. Universidade de Pernambuco.

A.P. - Que na verdade chamava-se Fesp, Fundação de Ensino Superior de Pernambuco. Então eu passei um tempo lá. Eu fiquei na Fesp até... Aí, em 88, voltei para Paris para refazer o meu doutorado porque aqui, a UFPE, não tinha reconhecido o terceiro ciclo. Tinha uma discussão do pessoal do Departamento de Economia com o pessoal da área de Ciências Sociais e aqui se reconhecia, mas a Economia gerou uma dissidência. O pró-reitor da época era da Economia e não reconheceram o meu doutorado. Então eu decidi voltar, em 88, para refazer a minha tese de doutorado.

C.C.- Entraria com o mestrado só.

A.P. - Aí só valia como mestrado. Na UPE valeria como doutorado.

C.C. - Entendi.

A.P. - Então, eu fiquei como professor, como doutor, na Fesp.

C.C.- Mas aí viu que teria que fazer o doutorado...

A.P. - É...

C.C. - Completo.

A.P. - Para voltar para a UFPE. Porque eu acho que o debate acadêmico aqui era muito mais sólido do que na UPE. Embora tivesse bons intelectuais lá, não é. Então, voltei para fazer uma nova tese de doutorado. A minha ideia, em princípio, seria retomar essa questão da

modernização açucareira. E aí, os tempos eram outros. O pós-estruturalismo, a crise do... Eu estava muito vinculado, a minha tese, ao estruturalismo. Eu era aluno do Poulantzas, não é. Então eu tinha... de Goussot, [inaudível] Goussot, que era do partido comunista francês. Eram meus...

C.C.- Foi seu orientador de tese.

A.P. - Foi,

C.C. - De mestrado.

A.P. - Meu orientador foi o Goussot. Foi Goussot. Foi Gutelman, Michel Gutelman no mestrado. Trabalhava sobre estruturas agrárias e reforma fundiária. E depois o [inaudível] Goussot, que era na tese de terceiro ciclo, não é. Depois eu voltei, aí os tempos já eram outros. Então, eu conheci esse auge, o pico do estruturalismo marxista, que é dentro da minha formação, porque nessa época o Foucault já estava... Roberto Machado já estava... Mas aí tinha o pessoal da Filosofia, já estava mais ligada aí ao Foucault, ao Derrida... O Derrida nem era tão conhecido, era mais o Foucault. Derrida estava nos Estados Unidos, conhecido nos Estados Unidos. Então, eu era dentro dessa linha dos desenvolvimentistas, ainda ligado um pouco ao estruturalismo marxista. Quando eu volto, em 88, o clima já está bem diferente. Você veja que a crise do marxismo...do estruturalismo, não do marxismo, mas do estruturalismo marxista e já é o pós-estruturalismo, as novas narrativas aí emergindo e eu volto para fazer essa tese de doutorado. E é aí que eu vou me aproximar do Alain Caillé que é fundador do movimento MAUSS, Movimento Antiutilitarista das Ciências Sociais. Foi fundado em 81. Eu ainda estava lá na França. Mas eu não conhecia o Caillé dessa época. Caillé estava muito ligado, era muito ligado ao Claude Lefort. Ele foi o primeiro assistente de Claude Lefort quando Lefort ainda trabalhava na Universidade de Carnot . Então o Lefort e o Castoriadis tinham aquele movimento “Sociedade e barbárie”. Aí eu volto, em 88, vou também fazer curso com o Castoriadis, que aliás, foi uma figura fantástica [risos].

C.C. - Por que?

A.P. - Fantástica. Eu estava me separando e eu escrevi para o Castoriadis: “Professor, eu estou em uma crise existencial, em uma separação. Eu queria marcar uma consulta.” Psicanalista... Aí ele leu a minha carta e me escreveu: “Caro *Paul Henry*, Paulo Henrique, você não precisa, pelo seu caso, você não precisa fazer nenhum trabalho particular comigo. Eu quero que você assista às minhas aulas.” Aí me colocava para assistir as aulas. [risos] E aí eu comecei... Toda a minha base teórica foi sendo reformulada através do contato com o Castoriadis, trabalhando a questão das instituições imaginárias, da sociedade, e a abertura para a Psicanálise, para a Linguística, não é, para a Filosofia. Aí o meu interesse começa por aí. E também com o Alain Caillé que era ligado ao Claude Lefort e que o Caillé vai fundar o movimento Mauss, a associação Mauss, com vários outros intelectuais, o Serge Latouche e outros. Mas jovens intelectuais franceses em geral, de várias áreas do conhecimento, da Suíça e da França. E aí o meu conhecimento com o Caillé foi outra história muito interessante também.

C.C.- Você falou do Mauss. Você tomou contato quando mesmo?

A.P. - Eu tomei contato em 88.

C.C.- 88.

A.P. - Ele foi fundado em 81. Primeiramente era um boletim, um boletim do Mauss. E a partir de 88 passou a ser a revista. E o meu conhecimento com o Alain Caillé foi muito interessante. Porque tinha um professor da Geografia que se chamava Jan Bitoun, e o seu irmão é Pierre Bitun, que fazia parte da associação Mauss. E eu estava procurando casa para morar em 88. Aí Pierre disse: “Olha, eu tenho um amigo que vai se casar agora mas não quer se desfazer do apartamento dele.” Era o Alain Caillé. Aí eu fui morar no apartamento do Alain Caillé. Inclusive tinha a máquina da...

C.C.- Mimeógrafo.

A.P. - Mimeógrafo para rodar. *Toda* a coleção que eu tenho que ele me deu de presente, eu tenho toda a coleção desde o primeiro boletim até hoje, da revista de hoje, a revista de Mauss. Eu tenho todo esse material. E aí eu comecei a ter uma grande amizade com o Alain Caillé.

Porque ele se casou, morava mais ou menos perto e nós nos frequentávamos muito também nessa época.

C.C.- Entendi.

A.P. - E a partir daí eu comecei a também trazer essa discussão de uma crítica antiutilitária e anti-mercantilista dentro da construção do meu trabalho. Então aquela minha discussão sobre a modernização açucareira passou para ser uma outra discussão, que vai ser profetismo econômico e mito do desenvolvimento na América Latina.

C.C. - Isso no doutorado.

A.P. - Mas eu vou fazer uma tentativa de desconstrução da ideologia do desenvolvimento a partir de uma crítica antiutilitarista e anti-mercantilista. E aí mudou completamente o meu giro epistemológico. [risos]

D.M. - No momento em que você estava escrevendo o primeiro trabalho, tinha um grupo de norte-americanos também fazendo uma pesquisa, por assim dizer, semelhante. Então, você tinha o Peter Eisenberg...

A.P. - Claro.

D.M. - ... você tinha o Gadiel Perucci, você tinha o Robert Levine, não é, você tinha um...

A.P. - É. Tem.

D.M. - Um grupo de pesquisadores que estavam vindo com outra...

A.P. - Os brasilianistas.

D.M. - Os brasilianistas.

A.P. - Os brasilianistas. [risos]

D.M. - Com outro olhar de fundamentação para um mesmo objeto. E existia algum relacionamento acadêmico, naquele momento?

A.P. - Não, eu tinha com Gadiel Perucci. Inclusive foi o Perucci que deu o meu parecer quando eu cheguei aqui na universidade. Perucci tem um trabalho excelente sobre [inaudível]. E os brasilianistas também tem – Levine, todo esse pessoal – tem um trabalho muito interessante sobre a modernização açucareira. O grupo dos estudos agrários era muito forte, não é, entre os anos 70 e 80. Muito forte. Depois ele foi perdendo visibilidade e toda a discussão sobre democracia, autoritarismo, foi uma discussão... O poder, foi uma discussão que pegou mais forte e os estudos agrários ficaram mais ou menos... Ou seja, aquela questão da reforma agrária, da revolução pelo campo, se diluiu muito. Porque aquilo era forte nos anos 70. Muito presente. Toda a discussão da esquerda passava por essa questão da modernização agrária no Brasil, não é.

C.C. - Tinham disciplinas obrigatórias, não é. Nos cursos.

A.P. - É. Era. Nos anos 80 muda, acho que a discussão é mais sobre redemocratização, democracia, poder, autoritarismo. Aí vamos ter outro viés.

C.C. - Agora, o que é que te, vamos dizer, encantou? O que é que bateu em você no movimento antiutilitarista, quando você tomou contato?

P.A. - Pois é. Eu já tinha lido aquele livro do Cristovam. O Cristovam tem uma tríade de livros de crítica à Economia, que foi publicado, que o Cristovam publicou em 88, 89. E é uma das coisas mais interessantes que tinham por aqui, era aquela leitura do Cristovam. E aquilo já tinha me chamado a atenção. Bom, e eu também já tinha visto essa necessidade de uma visão mercantilista do desenvolvimento, não é. Estava questionando esse processo. Então quando chegou o contato com a crítica antiutilitarista, do Mauss, me permitiu realmente ter uma fundamentação teórica mais clara para fazer a crítica do desenvolvimentismo, do projeto nacional desenvolvimentista. Não é por acaso, veja bem, que... As coisas não vão só na cabeça de alguém. A crise do Plano Cruzado, em 86... Eu até escrevi um texto sobre isso, depois, com



Elimar Nascimento. A gente escreveu. O Elimar era um parceiro meu, na época. O Elimar era de Brasília. E aí a crise do Plano Cruzado, aquela discussão sobre economistas heterodoxos e ortodoxos, já colocava para nós, sociólogos, uma discussão importante sobre questionar uma certa matriz, matriz desenvolvimentista baseada tanto só na intervenção do Estado, como uma visão mercantilista da vida social. Então isso foi um deslocamento...

C.C.- É uma tradição muito forte, não é. No Brasil.

A.P. - É muito forte, não é. Desde os anos 50, o nacional desenvolvimentismo. Celso Furtado, Cepal, tem toda uma tradição. A própria Sociologia, de certa forma, ela foi, em grande parte, engolfada, absorvida pelos estudos sobre desenvolvimento. A Geografia era total. Eu trabalhava aqui no Departamento de Geografia. Nós éramos clientes da Sudene. Eu trabalhei para a Sudene, projeto de avaliação da Suape. Várias coisas que eu fiz, vários projetos. Então era uma filial. Professores que eram da Sudene, técnicos da Sudene, que eram professores da Geografia. Foi muito forte o nacional desenvolvimentismo. Ele começa a perder força em meados dos anos 80, no Brasil, e nós, e eu, que era dos estudos do desenvolvimentismo, comecei a olhar aquilo, intervenção do Estado na economia, regulando preços. Ou então uma visão monetarista da organização das políticas sociais e políticas públicas. Aquilo estava meio equivocado. Aí comecei a deslocar o meu discurso. E foi aí que, com essa aproximação com os antiutilitaristas, porque desde então eu faço parte da associação, que cheguei a ser vice-presidente da associação, e esse período foi muito importante.

C.C. - Mas no Brasil você acha que teve um impacto menor do que você gostaria, ou não?

A.P. - Claro. Quando eu voltei para o Brasil, eu não publiquei minha tese de doutorado. Porque não tinha interesse. Como estava entrando na época da globalização [risos], o pessoal não tinha interesse. Dizia: “Olha, Paulo, tua tese é interessante mas eu acredito que a do desenvolvimentismo, para publicar não dá. Nós já estamos em um outro patamar, companheiro. Nós já estamos mais na globalização. O Brasil entrou na era da globalização.”

C.C.- Era 90...

A.P. - Sabe, essa discussão foi fortíssima. Até o Otaviani, que escreveu sobre localismo, essa ideia de que os espaços nacionais, político-nacionais, os mecanismos político-nacionais não tem mais tanta importância. Tem que pensar nos mecanismos internacionais da sociedade global. E o brasileiro, o nacional desenvolvimentismo limitava muito essa coisa de chegar rápido lá entre os maiores países do mundo. De repente, o discurso da globalização caiu como uma luva nessa história. Mas na verdade o que ele trouxe foi uma grande privatização do Estado brasileiro e a expansão de uma ideologia neoliberal. Na verdade, a globalização funcionou muito no sentido de amortecer um discurso de esquerda mais articulado para retomar a discussão do desenvolvimento, em um outro patamar, não naquele do nacional desenvolvimentismo, mas em outro patamar. E a gente perdeu, nos anos 90, muito essa discussão em função dessa discussão sobre globalização e liberalização do mercado. E os franceses já estavam muito atentos. Porque quando é fundada a associação Mauss, em 81, eles já estavam fazendo uma crítica grande ao liberalismo econômico. Porque isso começa nos anos 70. Não é com Thatcher que isso [riso]... Esse negócio de Thatcher, já vinha nos anos 70 toda essa movimentação de destravar os dispositivos dos Estados nacionais para a liberação das grandes empresas. Então os franceses estavam muito atentos, sempre estiveram muito atentos. Por que? Porque os franceses fazem... Desde sempre a Sociologia francesa é uma crítica moral da sociedade, não é. Se você pegar o Durkheim

C.C.- O Durkheim, é.

A.P. - O Durkheim já estava fazendo crítica. Pegar o Auguste Comte, ele vai fazer uma crítica já ao mercantilismo, à Economia Política clássica. Aquele templo dele que tem lá no Marais, amou “Amor, Ordem e progresso”, deslocando de fazer uma crítica moral. E aí toda a tradição francesa, a Sociologia francesa, tem essa tradição de uma Sociologia moral muito forte. Desde sempre. Desde sempre. E eu acho que a crítica antiutilitarista retoma de Durkheim e de Mauss essa crítica moral e traz da Filosofia política, que vai fazer aquele antiutilitarismo com Lefort e Castoriadis, que são inspiradores desse movimento, vai trazer a crítica da questão da democracia e da política. E do político, não é.

C.C.- Bom, voltando da França, do doutorado, aí você vem para a Universidade Federal.

A.P. - Aí eu voltei da França, fiz essa nova tese de doutorado, e volto, vim como professor visitante. Na época, eu e... Fiz em 94, fizemos o concurso aqui nessa universidade: Eu, a Saete, o Jorge Ventura de Moraes, o Breno Fontes, foram vários professores que entraram no concurso.

C.C.- Em que ano que você entrou?

A.P. - 94.

C.C.- 94. Quer dizer, 92 como visitante...

A.P. - É, eu estava ainda na estadual, não é.

C.C.- Ah, na estadual.

A.P. - Aí estava na estadual, aí saio da estadual, peço demissão, e faço concurso, entro aqui na federal, na Sociologia.

C.C.- E aí logo criou o Nucem, não é? Núcleo de Cidadania e Processos de Mudança.

A.P. - Aí criei com o Breno Fontes, que é um grande estudioso da questão dos movimentos sociais na época. Nos anos 90 nós vamos ter... A Sociologia vai ter...Uma das linhas da Sociologia é o estudo sobre os movimentos sociais, não é. E o Breno já era... fazia uma boa discussão nessa área. E eu comecei a fazer um deslocamento temático. Porque como essa discussão minha sobre desenvolvimento não estava dando em nada aqui [risos], eu comecei a retrabalhar a questão da cidadania. Na medida até porque dentro da minha abordagem crítica do desenvolvimento, uma das minhas críticas era não ver o consumidor, ou o cidadão, apenas como usuário de um sistema de políticas públicas, mas questionar, já dentro da tradição antiutilitarista e do Castoriadis, de retrabalhar a questão da relação entre política e sociedade e sociedade civil. Aí eu comecei a trabalhar em saúde também. Porque nos anos 90, dentro da discussão sobre os movimentos sociais, o movimento pela saúde já estava ficando muito forte por causa do SUS. Havia grande mobilização. Você sabe que as Ciências Sociais, na saúde,

foram muito importantes. Enquanto na Sociologia a gente trabalhava a saúde de uma forma muito, muito restrita, muito tímida, ao contrário da Antropologia, as Ciências Sociais em saúde, com a Sociologia da saúde, no campo de Fiocruz e da saúde, era muito forte. Então eu comecei também a entrar em uma discussão sobre cidadania e modernização mas não batendo no tema do desenvolvimento das políticas públicas, assim, em cima, política de desenvolvimento, mas trabalhando políticas públicas e saúde e cidadania, deslocando um pouco o meu campo de trabalho para dar conta de... Quais são os mecanismos de construção da participação e das políticas públicas a partir das bases do sistema social. Aí os anos 90 foram por aí. Os anos 90.

C.C.- E a América Latina?

A.P. - Pois é.

C.C. - Como é que entra, assim, a participação? Na Alas, [inaudível] latino-americana.

A.P. - A minha tese de doutorado já chama-se “Profetismo econômico” - aí eu vou usar essa questão dos profetas, não é – “Profetismo econômico e mito do desenvolvimento na América Latina”.

C.C.- O caso do Brasil, não é?

A.P. - O caso do Brasil [riso].

C.C.- Mas a América Latina entrou...

A.P – Era residual assim [risos], era difícil entrar na questão da América Latina. Eu querendo entrar, querendo chegar, porque eu achava que nós estávamos muito europeizados. Nós estávamos muito voltados, a partir da minha própria formação, de minha geração, nós éramos, assim, realmente europeus. Também um pouco influência norte-americana mas a influência europeia era muito forte. Então, o José Vicente me chamou, em 85, para coordenar um GT de teoria social. De pensamento...

C.C.- José Vicente Tavares?

A.P. - Tavares. Pensamento social, teoria do pensamento social, na Alas, que aconteceu em Porto Alegre. Mas antes a gente já vinha conversando porque, em 2003, o José Vicente foi chamado para diretoria da Alas no Congresso que aconteceu no Peru, em Arequipa. E ele já vinha falando comigo. Ele fez uma palestra muito interessante no encontro da SBS na Unicamp, em 2003, e me sensibilizou muito. Eu fiquei muito atento, conversando com ele sobre isso. 2005 ele me chama para entrar na coordenação do grupo. Em 2007, no México, os brasileiros me indicam para entrar na diretoria da Alas. 2007, é. É isso? Não, 2007 ou 2009? Nem sei mais. O tempo está passando... Foi 2007.

C.C. - É... Teve vice-presidente...

A.P. - Aí eu vou ser...

D.M. - 2009.

A.P. - Hein? A Alas...Na Alas?

D.M. - Vice-presidente em 2009. Em 2007, professor titular.

A.P. - Não, 2007 eu faço concurso para professor titular. Eu passei a ser o único. Porque só tinha Roberto Mota, que era o professor titular que tinha se aposentado, e eu fiz o concurso, passei a ser professor titular em 2007. 2008 realizamos um pré-Alas aqui. Em 2009, eu fui para a diretoria da Alas, para ser diretor da Alas. Em 2011 eu fui presidente.

C.C.- Entendi.

A.P. - Passei a ser presidente da Alas.

C.C.- A Alas... Bom, ficou enorme, não é? Ano passado foi em Montevideu, não é?

A.P. - Não, o primeiro grande encontro foi aqui. Eu que, assim... Aqui, esse encontro, em 2011, no Recife, nós tínhamos mais de cinco mil, cinco mil e quinhentos. E tinham mais de dois mil estrangeiros nesse encontro, aqui. Para você ver que fantástico. Para vir para o Nordeste do Brasil, o custo de ir para São Paulo, de São Paulo para Recife é um custo altíssimo, em geral. Mas aquilo já estava apontando algo que eu vinha conversando, de que havia uma abertura das Ciências Sociais no Brasil, não só da Sociologia, das Ciências Sociais – porque é muita presença do pessoal da História, da Política, da Antropologia. Muito presente na Alas. História, é muita gente da História. Eu vinha observando, estava havendo um deslocamento do interesse. Talvez até por um certo esgotamento progressivo das possibilidades de viajar para o exterior, e até as dificuldades que a Europa, o chamado Primeiro Mundo, vinha conhecendo com as imigrações, com as crises, começou a haver um despertar, um interesse dos brasileiros em reconectar, de uma forma institucional, não em forma de rede, porque sempre existiu uma rede das mulheres, de agroecologia, etc. Mas de uma forma mais institucional, eu acho que houve um deslocamento a partir de meados dos anos 80, não é. E aí começa... Aquilo que tinha sido perdido... Porque você sabe que nos anos 60 havia grande articulação. Teoria da dependência, Cepal.

C.C.- Sim, sim.

A.P. - O pessoal fluía mesmo, não é. Tinha muito contato.

C.C.- Nos anos 70 e 80 que se quebrou isso.

A.P. - Se quebrou porque nós fomos para a Europa. Todos nós. Nós fomos para o México, para Argentina...

C.C. - Os exilados, não é? Quem estava no Chile, teve que sair.

A.P. - Foi exilado. [riso] Correu também. E se quebrou.

C.C.- Houve uma sucessão de golpes aqui.

A.P. - E se quebrou. E se quebrou assim: a pós-graduação ficou muito formatada pelo pensamento da Sociologia clássica europeia e norte-americana, não é. Ficou muito formatada... Normal, você vai fazer uma pós-graduação fora, você volta... Quem são os meus interlocutores? Com quem eu vou dialogar?

C.C. - Mas o que é que você acha que se ganha incorporando a América Latina? Essa comunidade, o que é que tem de diferente?

A.P. - Tem muita diferença.

C.C.- De experiência.

A.P. - Tem muitas diferenças. Assim, tem uma coisa interessante de você redescobrir a questão de alguns grandes autores latino-americanos, que nós não estávamos acessando a eles, não é. Existe uma escola de Sociologia no Peru muito interessante. Até o Aníbal Quijano, faleceu há pouco tempo. Você tem o Pablo González Casanova. Tem Zimelman também, que é um Chileno que morava... Tem muitos autores interessantes. Eles fazem uma Sociologia muito próxima da Filosofia. Dos grandes centros do conhecimento que eu estou falando aqui, da Argentina, Peru, México. Costa Rica também tem uma boa tradição, já. Uruguai tem uma boa tradição. Então, nós perdemos um pouco esse contato com certas fronteiras do conhecimento. Agora, o que mais me atraiu, e aí também eu tenho uma nova reciclagem na minha produção intelectual, e que soma com a questão antiutilitarismo, é a questão do pós-colonial, não é. Então, ao me aproximar da crítica latino-americanista, eu comecei a trabalhar muito... Hoje, vocês observem que a minha produção tem muita coisa sobre crítica pós-colonial. Muita coisa sobre a crítica pós-colonial. Assim, no sentido de que, já que estamos falando de deslocamento de olhares sobre a realidade, saindo de uma visão meramente econômica, mercantilista, do mundo, abrindo para uma visão mais de uma crítica moral, eu acho que a crítica pós-colonial ou decolonial, da influência do Foucault, ela vai permitir deslocar as perspectivas de análise dos discursos, não é. Os discursos sobre o que é a América Latina, o discurso sobre...

C.C.- Uma epistemologia do Sul.

A.P. - Epistemologia do Sul. Aí tem o Boaventura, que vai dar essa contribuição grande também, tem o Dussel, que é um autor fantástico. O pessoal que vem da Teologia da Libertação tem uma influência grande nessa reciclagem, também, da crítica pós-colonial. Porque a gente sai de uma crítica pós-colonial mais clássica, do Cepal, pós-desenvolvimentista, ou desenvolvimentista, pós-independentista, não é não? Pensar pós-independência, o desenvolvimento, para uma crítica mais fecunda sobre a própria ideia do desenvolvimento. Aí meu trabalho dos anos 80, 90, sobre a crítica do desenvolvimento, eu passei a retomar essa minha discussão. Porque eu tinha antes, de certa forma, deixado de lado porque a crítica pós-colonial me deu novos subsídios para fazer uma discussão mais profunda, não só de caráter moral, sobre a questão do desenvolvimento, mas trazendo a questão mais das narrativas.

C.C. - Mas você acha que, por exemplo, a crítica pós-colonial, ela tem mais força e espaço, na Sociologia latino-americana em geral do que na brasileira?

A.P. - Eu acho que no Brasil está, desde... Eu acho que o congresso de 2011, ele foi um marco.

C.C.- [inaudível]

A.P. - Aqui em Recife. O que eu organizei.

C.C.- Da Alas?

A.P. - Da Alas. Mas foi um marco porque muitas pessoas começaram a fazer os estudos pós-coloniais. Então hoje você tem centros importantes no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Brasília, em Porto Alegre, no Ceará. Você tem centros já importantíssimos...

C.C.- [inaudível] da SBS, tem menos espaço do que na Alas?

A.P. - Claro. A Alas é toda o pós-colonialista, em geral.

C.C.- É uma comunidade muito...



A.P. - Com exceção dos chilenos [riso].

C.C. - Muito [inaudível].

A.P. - Os chilenos não são muito, não. [riso] Os chilenos não, não é. Os chilenos são mais... é uma Sociologia mais clássica, funcional. Ou luhmaniana. É uma escola luhmaniana muito importante.

C.C. - Luhmaniana de Luhmann?

A.P. - De Luhmann. Muito importante a escola do Chile, do Luhmann, que tem a ver com Maturana. Seu Maturana que influenciou aquela tese do Luhmann sobre a ideia da autopoiesis, que o Luhmann colocou quase que como sendo dele em algum momento, mas aquilo foi uma influência do Maturana sobre o Luhmann, entende? Então, muitos teóricos, sociólogos chilenos foram para trabalhar com o Maturana e hoje são grandes especialistas no Chile. Então o Chile é uma escola um pouco a parte. Mas assim, a escola argentina, peruana, sobretudo, era bem influenciada por causa do Mariati e da escola que foi fundada, não é, a partir do Quijano. É uma escola com muita influência também. Os colombianos são muito bons também. Tem bons autores colombianos, o Escobar, Arturo Escobar... Muito bons também. Houve uma influência muito grande do Foucault nos estudos pós-coloniais. Isso que é interessante. Porque os estudos pós-coloniais, de certa forma, eles eram muito marcados pela questão do desenvolvimento também. O que variava era o seguinte: tem que pensar o desenvolvimento a partir de um Estado que organize as sociedades periféricas, não é. A partir da influência do Foucault, começou a fazer um giro. O giro epistemológico que estava acontecendo na Europa, com a Linguística, articulação da Etnometodologia, toda a Sociologia francesa dá um giro fantástico. Ninguém conhecia o que era Etnometodologia, nem [inaudível], nem nada disso. Eu não conhecia isso, ninguém conhecia. Eu procurei um texto do Weber, eu acho que a única tradução que existia do Weber, em 1997, quando eu procurei, era um texto que parecia um tratado jurídico. Não havia. Havia muito isolamento do pensamento francês com o alemão, eles se comunicavam muito pouco. Então, de certa forma, houve uma abertura fantástica. Nessa abertura fantástica, também o pensamento latino- americano em geral, se pode-se falar de um pensamento latino-

americano, ou os pensamentos latino-americanistas, eles foram muito nutridos por essas mudanças que aconteceram a partir do pós-estruturalismo.

C.C.- E aqui na universidade foi criado... Como é que estava o Instituto da América Latina? Você recebeu a missão de criar, não é?

A.P. - Pois é. Eu criei o Instituto da América Latina. Ele existe. Ele não...

C.C.- Isso foi em dois mil e...?

A.P. - Dois mil...Na época, a partir de 2011. E fundou mesmo em 2014, não é. A gente estava... O problema é...

C.C.- Como é implantar uma estrutura universitária?

A.P. - O problema... Eu passei um ano agora no Ceará, com o Cesar Barreira, para ajudar ele a implantar o Colégio de Estudos Avançados, que é uma boa estrutura porque existe uma associação internacional de estudos avançados, não é. Inclusive agora a Capes estava dando financiamento para os estudos avançados. Então, aqui nós ficamos... Como dividimos América Latina, Ásia e África, e futuro, ficou um pouco assim: quatro institutos, ou quatro seções, trabalhando temas com certa limitação territorial. O Cesar fez algo mais amplo: trabalhar a questão dos estudos avançados. Mas a dificuldade que eles tem lá é a mesma que nós temos aqui. É muito difícil você formar um corpo de pesquisadores permanentes se os departamentos não fazem a seção dos seus pesquisadores.

C.C. - É, mas tem a questão da estrutura departamental, não é.

A.P. - Tem também. Quer dizer, tem que ter maior conexão com as pós-graduações para que essas estruturas que são interessantes para dar visibilidade às universidades a nível de sair do provincianismo e entrar em um debate internacional... Nós ficamos muito limitados pela falta de pesquisadores permanentes para construir a estrutura de pesquisa, não é. Aí, o que aconteceu aqui no instituto? Nós fizemos debates fantásticos. Mas, sobretudo, debates. Produção de

livros. Livros e debates. Mas uma discussão mais de integração dos departamentos, muito difícil. Por exemplo, só na área de Ciências Sociais e Humanas, quando criei... Eu fiz um *workshop* com... Vi *vinte* grupos de pesquisadores aqui que trabalham sobre América Latina. Mas o que eu percebi é que, Celso, você tinha, assim... São redes particulares que funcionam e que às vezes as pessoas, os pesquisadores, não querem abrir isso dentro de uma visão mais institucional. Não sei se é por temor de que a sua rede vá se desfazer, ou de que...

C.C. - Tem os privilégios às vezes, pessoais.

A.P. - De perder seus privilégios, entendeu?

C.C.- Eu falo, assim, pensando e tal... Você vislumbra alguma solução? Porque, um lado: você fala dessa transformação da Sociologia, você está falando de um mundo muito interdisciplinar, transdisciplinar, meta disciplinar, sei lá oque. Muito, não é, em ebulição. Aí chega na estrutura universitária tradicional com seus institutos, departamentos, a placa aqui, o professor que é, a hora. Quer dizer, é uma coisa meio esquizofrênica, não é.

A.P. - Com certeza.

C.C.- Quer dizer, o mundo intelectual vibrando e a estrutura ali: “Não, mas é na porta do lado.”, “Não. Esse concurso é para este lugar.” Quer dizer, tem alguma solução?

A.P. - Não, eu acho...

C.C.- Vê se você tem resposta, mas como você está lidando com a criação de um instituto...

A.P. - Você tem toda razão. É.

C.C.- Porque...

A.P. - Eu acho que há uma discussão. Essa questão dos giros epistemológicos, por exemplo, desde os anos 80, já apontam para a necessidade de um debate interdisciplinar, não é. Já aponta. Agora, as estruturas acadêmicas, mesmo hoje, os meus colegas franceses, norte-americanos,

todos reclamam da mesma questão, que é uma estrutura departamental que ela não facilita a comunicação entre pesquisadores de diferentes áreas. No máximo você vai fazer com um cara da Engenharia. Mas não vai conseguir avançar muito porque não depende de sua boa vontade. É que a estrutura não facilita. Você tem que dar aula, você tem que pesquisar, você tem que fazer conferência, organizar seminários e sobra um tempo muito pequeno para você poder tentar articular algumas outras atividades coletivas mais amplas.

C.C. - Algumas universidades novas que foram criadas agora que estão fazendo uma coisa diferente, não é. No sul da Bahia, a Unila, estão tentando fazer uma coisa para fugir dos departamentos.

A.P. - Mas estão vivendo uma crise muito grande. A Unila está vivendo uma crise muito grande e a Unilab, eu tive na Unilab agora. Até uma amiga minha da Unila é que está, a Daniele Araújo, que estava lá fazendo uma pesquisa comparativa, Unilab e Unila. E eu tive com ela na Unilab. E achei... Fiquei muito mal impressionado. Eu acho, assim, descuidada. Descuidada, isolada. Inclusive, assim, reproduzindo, o que não devia reproduzir, os conflitos étnicos e as diferenças étnicas. Então estava havendo a maior comunidade negra do Cabo Verde. O pessoal do Cabo Verde fez uma festa que só tinha de brasileiro, eu acho, eu e Daniele. Nem o reitor apareceu. Eu vi o reitor fugindo por uma porta lateral para não ir para a festividade. Não tinha nenhum...

C.C.- Por quê? Cabo Verde é um país tão musical, tão alegre.

A.P. - Veja bem, tinha um problema de comunicação muito grande ali dentro daquela universidade. Inclusive, assim, para como lidar com essas questões das diferenças étnicas. Então, uma comunidade faz uma atividade e as outras comunidades não participam. Então, há uma reprodução de uma certa... de um certo problema que não foi superado na organização dessas universidades voltadas para a integração internacional. Eu acho que... Na Unila é a mesma coisa. Daniele reclama desse isolamento dos pesquisadores, dos alunos. Não se conseguiu ainda dar um salto qualitativo na construção de campos transdisciplinares multiétnicos de fato. A gente fala mais na teoria. Na prática, nossas estruturas acadêmicas universitárias são muito rígidas. A professora Liane Veras aqui, [inaudível], ela conseguiu. O professoro Cesar Barreira também conseguiu que o departamento dispensasse dez horas de aula e aí ela tem uma boa dedicação agora ao estudo da África, e o Cesar está conseguindo também

implementar algo de mais importante. Tudo com muita dificuldade ainda, não é. Ainda. Quando nós temos uma estrutura matricial disciplinar e a avaliação também é muito complexa porque ela nos exige muito, você sabe disso. O produtivismo nos exige muito. Então a gente tem que estar sempre produzindo e ninguém quer ocupar cargo administrativo, ninguém quer fazer extensão universitária, ninguém quer fazer nada que não conte exatamente...

C.C.- Pro Lattes

A.P. - É. Isso gera exatamente certa esquizofrenia aí no meio acadêmico também, sabe. As pessoas ficam muito prisioneiras na produção dos seus artigos científicos e com pouca interatividade com os alunos, que existem experiências fantásticas. Eu acho que também existe aqui nesse programa de integrar os alunos de graduação, da pós... Aqui, esse programa tem um bom esforço. Eu acho que esse programa é um dos bons programas do Brasil. Da Sociologia, eu considero, não só eu, Vandenberg disse a mesma coisa, que ficava impressionado. Porque você tem um grupo de professores muito diversificado. [inaudível] aqui na Educação, a Salete no agrário, a [inaudível] que é boa na teoria social, Jorge Ventura migrou do trabalho para lazer e gastronomia, [inaudível] na criminalidade e na violência. Você tem o Breno nos movimentos sociais. Você tem cultura...

C.C.- É grande também. É um programa grande.

A.P. - Hein?

C.C.- É um programa grande também.

A.P. - É um programa grande. Muito diversificado. E há um esforço muito grande de criar alguns dispositivos de articulação dos professores e alunos. Um que eu acho muito bem sucedido chama-se “Seminário nas sextas”. Seminário de Sociologia, na sexta. Eu até sugeri, no Ceará, que eles criassem isso. Porque eu achei muito disperso o campo lá. Bons professores, jovens professores, mas muita dispersão. Eu digo: “Olha, a ideia do “Seminário nas sextas” é fantástica, onde...

[interrupção breve]

A.P. - Então essa ideia de criar dispositivos de articulação, eu acho fantástica. Então esse dispositivo aqui funciona muito bem. Porque professores e alunos vem, apresentam suas pesquisas, seus livros, seus artigos, suas matérias etc e etc. Bom, agora eu queria falar uma outra coisa também, porque eu criei, principalmente, chamado... era uma rede Mauss, aqui no Brasil, e depois transformou em *Realis*, que é uma revista de estudos antiutilitaristas e pós-coloniais. Essa revista já funciona desde 2011. Bom, 2011 foi um marco para mim e para muita gente em criar novas ideias. Esses congressos são interessantes, nesse sentido. Eles abrem novas ideias, possibilidades de articulação. Essa revista está indo muito bem. Está no décimo quarto número. Não é uma revista muito bem classificada ainda no Capes, como deveríamos estar. Porque nós estamos tendo uma regularidade, autores internacionais, publiquei texto inédito de Pablo González Casanova sobre a questão da dádiva, que ele me concedeu no México, quando eu estive lá. Mas enfim, é uma outra iniciativa que nós vínhamos fazendo por aqui.

D.M. - Só uma pergunta do ponto de vista... Porque no mesmo período desses estudos pós-coloniais, nos Estados Unidos também estava tendo a emergência dos estudos subalternos, não é, que...

A.P. - Na Índia. Na Índia.

D.M. - É, na Índia, mas tinha um núcleo em Chicago também, com [inaudível], com um pessoal que estava de alguma forma olhando para outras regiões. Houve alguma interlocução?

A.P. - Veja bem, tem. Tem. Com os indianos, eu tenho uma interlocução com os indianos nos estudos subalternos, não é. Porque os estudos pós-coloniais na Índia... Na Ásia é diferente. São civilizações antigas que de repente foram subordinadas, subalternadas, não é.

C.C. - Em muito pouco tempo.

A.P. - E foram independência recente.

C.C. - A independência da Índia...

A.P. - Se você pegar a América Latina, nossos processos de independência nacionais vêm do século XIX, não é. Acho que a Colômbia foi 1919, a independência da Colômbia. Então são processos diferenciados mas que se articulam. A minha tese... Eu estou escrevendo um texto sobre colonialismo interno, que eu vou apresentar na AIS agora.

C.C.- Colonialismo...?

A.P. - Colonialismo interno, que é uma discussão importante dentro dos estudos pós-coloniais, não é. Para trabalhar um pouco mais como a construção dos conflitos envolvendo não só as questões de classe, de raça, de etnicidade e de nacionalidade... O Pablo González Casanova... Não só ele. Esse é um debate mais amplo na Europa e na Ásia, e nós temos uma sessão só sobre estudos pós-coloniais, que eu estou coordenando lá na AIS.

C.C.- Na AIS é o que? É um comitê?

A.P. - AIS é a Associação Internacional de Sociologia.

C.C.- Não, eu sei. Eu vou a Toronto também.

A.P. - Ah, você vai?

C.C.- É o RC...?

A.P. - É o RC-35.

C.C. - 35?

A.P. - É.

C.C. - Ah, tá.

A.P. - [inaudível], sobre conceitualização teórica e análise teórica. E eu estou com uma seção só com estudos pós-coloniais. Pós-colonialidade e colonialismo interno. Está a [inaudível] que é uma indiana, igual a da Inglaterra. Então, assim, tem o... O grupo de [inaudível] university é um grupo muito forte, formado por americanos e latino-americanistas, que eles estão muito influenciando muito nessa escola chamada, essa escola foucaultiana, que eu chamo decolonialidade, que é uma escola talvez hegemônica hoje na América Latina e que o pessoal dos Estados Unidos tem muita importância, e que é influência direta de Foucault e Derrida. O desconstrucionismo dos discursos, das narrativas, que eu faço uma crítica. Inclusive, a partir do colonialismo interno, eu faço uma crítica a isso. Porque você... De repente é uma moda, uma onda que chega e você tem toda uma tradição. O pensamento pós-independentista na América Latina é riquíssimo. Pensar Euclides da Cunha, pensar esse pessoal descrevendo, descrevendo a natureza. O Gilberto... O pessoal está trabalhando uma Sociologia, possível. Possível dentro de uma sociedade mestiça, com problemas e conflitos étnicos mais variados. Então existe um esforço muito grande. Então, de repente, não dá para dizer que tudo isso [riso] é uma coisa menor e que agora chegou o desconstrucionismo. Isso é exacerbar Derrida e Foucault. Mas eu estou fazendo uma crítica a isso atualmente. Sérgio Costa também está nessa linha de crítica.

C.C.- Sim.

A.P. - Sérgio Costa é um cara importante.

C.C. - Está na Alemanha. Ele ainda está na Alemanha, não é?

A.P. - Está na Alemanha. Sérgio, desde... Há muito tempo já vem trabalhando sobre essa questão, não é. Do sul, a crítica colonial. E ele também vem fazendo um pouco essas separações que eu estou procurando fazer também. Assim, não dá para colocar... Você não pode desconstruir todas as narrativas. E os conflitos sociais?



C.C.- Na verdade a desconstrução vira o dogma, não é.

A.P. - Não é? Não, e os conflitos sociais? Eu acho que o mais importante que o colonialismo interno vai trazer é a discussão sobre a complexidade dos marcadores que envolvem os conflitos sociais. Questão de religião, de gênero, de sexualidade, questão de raça, racialidade do Quijano, questão na nacionalidade. A questão da nacionalidade, por exemplo, os bolivianos, com a comunidade Aimara, é um Estado *pluri* nacional. Os caras não estão negando a existência de um Estado boliviano, de um Estado... do pessoal de Santa Cruz, ali, aqueles empresários de Santa Cruz. Eles estão dizendo que existem outras coisas, outras tradições. Então eu acho que as questões de nacionalidade, os estudos de pós-colonialismo na América Latina são muito ricos porque trazem a questão da complexidade do imaginário mestiço, sabe, na organização de sociedades comunitárias. Porque a própria ideia de sociedade civil é uma ideia complicada. [risos]. Você não tem o lastro dos direitos liberais, cara. Não tem. Então tem uma série de discussões que os indianos trazem também para repensar a teoria do Estado, da democracia e da sociedade, e que eu acho que é muito rico essa nossa discussão com os estudos subalternos. Aí chegando no que você estava falando. Muito rica. Eu diria mais rica que os estudos descoloniais, nesse momento. Mas se eu falar isso vai ser um problema, porque o próximo congresso da [inaudível] vai ser no Peru. E os peruanos são... O Quijano entrou na onda decolonial. Trouxe o marxismo dele mas o decolonial passou... Ninguém fala de Foucault, ninguém fala de Foucault, mas Foucault está mais em pauta do que Marx nessa história. [risos]

C.C.- Paulo, tem uma pergunta que eu sempre faço de curiosidade para os entrevistados. Acho que é interessante ver o conjunto, não é, das respostas. Se você tivesse que destacar um livro que te marcou muito, assim, que você leu na tua trajetória, que: “Nossa!”. O que é que te vem na mente?

A.P. - Rapaz, Gilberto Freyre me marcou muito.

C.C.- Qual do Gilberto Freyre?

A.P. - O *Casa-Grande e Senzala*. Foi da época que eu estava, nos anos 70, lendo sobre açúcar. Eu diria que foi um texto marcante para mim. E outro autor que me marcou muito – hoje já não tem mais [inaudível] – foi o Celso Furtado. Porque pela primeira vez, eu... Como eu vinha passando do Direito, para Economia, para tentar entrar para a Sociologia, o Celso me abriu essa porta. Porque ele tem uma discussão sobre Economia que é com uma sensibilidade de um antropólogo. O Celso Furtado tinha essa sensibilidade. Ele fazia uma leitura sobre cultura, muito interessante, assim, para fazer a crítica da modernização e do desenvolvimento, que eu acho que o Celso foi um autor fundamental para eu fazer um outro olhar sobre a questão do desenvolvimento.

C.C.- Muito bem. Interessante. O Gilberto... Hoje tem uma crítica muito rasa da ideia de mestiçagem, que ele diz, não é.

A.P. - É.

C.C.- Como se fosse...

A.P. - O Jessé está aí, não é...

C.C.- É.

A.P - ... fazendo uma revisão. Mas, assim, ...

C.C. - Tem pessoas que nem leram mas acham que é um autor...

A.P. - Eu acho o Gilberto muito rico, não é. Claro, naquele ensaísmo dele, tinha aquela coisa de dizer que os portugueses ocuparam o Brasil com a sífilis, aquela coisa toda. Uns exageros semânticos, mas faziam parte do escritor, ensaísta.

C.C.- Eu gosto muito do *Sobrados e Mocambos*. Eu acho...

A.P. - *Sobrados e mocambos* é um livro exemplar.

C.C. - Mais bem...

A.P. - Mais denso. É mais denso.

C.C. - Mais bem feito até que *Casa-Grande*.

A.P. - Com certeza. Talvez seja um...

C.C. - O melhor.

A.P. - ... dos livros mais estruturados como Sociologia.

C.C. - Impressionante.

A.P. - É.

C.C. - Bom. Paulo, obrigado. Não sei... Dirceu, tem mais?

D.M. - Não.

C.C. - A gente fez aqui a tua trajetória...

A.P. - Muito obrigada também pela oportunidade.

[FINAL DO DEPOIMENTO]